



# John Dewey

## Impressões sobre a Turquia

Tradução: Carlos Lucena



# IMPRESSÕES SOBRE A TURQUIA

John Dewey

IMPRESSÕES SOBRE A TURQUIA  
1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais  
Navegando Publicações  
2022



NAVEGANDO

Navegando Publicações



NAVEGANDO

[www.editoranavegando.com](http://www.editoranavegando.com)  
[editoranavegando@gmail.com](mailto:editoranavegando@gmail.com)


Uberlândia – MG,  
Brasil

**Direção Editorial:** Navegando  
**Projeto gráfico e diagramação:** Lurdes Lucena  
**Arte da Capa:** Alberto Ponte Preta

**Copyright © by autor, 2022.**

D5153 – DEWEY. J. Impressões sobre a Turquia. Tradução: Carlos Lucena  
Uberlândia: Navegando Publicações, 2022.

ISBN: 978-65-81417-60-4

 10.29388/978-65-81417-60-4

1. John Dewey 2. Turquia 3. Filosofia I. John Dewey II. Navegando Publicações.  
Título.

CDD – 190

### Índice para catálogo sistemático

Filosofia Moderna Ocidental 190

Navegando Publicações



[www.editoranavegando.com](http://www.editoranavegando.com)

[editoranavegando@gmail.com](mailto:editoranavegando@gmail.com)

Uberlândia – MG

Brasil

## Editores

Carlos Lucena – UFU, Brasil

José Claudinei Lombardi – Unicamp, Brasil

José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU, Brasil

## Conselho Editorial Multidisciplinar

### Pesquisadores Nacionais

Afrânio Mendes Catani – USP – Brasil  
Anderson Brettas – IFIM – Brasil  
Anselmo Alencar Colares – UFOPA – Brasil  
Carlos Lucena – UFU – Brasil  
Carlos Henrique de Carvalho – UFU, Brasil  
Cilson César Fagiani – Uniube – Brasil  
Dermeval Saviani – Unicamp – Brasil  
Elmiro Santos Resende – UFU – Brasil  
Fabiane Santana Previtali – UFU, Brasil  
Gilberto Luiz Alves – UFMS – Brasil  
Inez Stampa – PUCRJ – Brasil  
João dos Reis Silva Júnior – UFSCar – Brasil  
José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU – Brasil  
José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil  
Larissa Dahmer Pereira – UFF – Brasil  
Livia Diana Rocha Magalhães – UESB – Brasil  
Mara Regina Martins Jacomeli – Unicamp, Brasil  
Maria J. A. Rosário – UFPA – Brasil  
Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp, Brasil  
Paulino José Orso – Unioeste – Brasil  
Ricardo Antunes – Unicamp, Brasil  
Robson Luiz de França – UFU, Brasil  
Tatiana Dahmer Pereira – UFF – Brasil  
Valdemar Sguissardi – UFSCar – (Apos.) – Brasil  
Valeria Lucilia Forti – UERJ – Brasil  
Yolanda Guerra – UFRJ – Brasil

### Pesquisadores Internacionais

Alberto L. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires – Argentina.  
Alcina Maria de Castro Martins – (I.S.M.T.), Coimbra – Portugal  
Alexander Stefanell – Lec University – EUA  
Ángela A. Fernández – Univ. Aut. de St. Domingo – Rep. Dominicana  
Antonio Vidal Ortega – Pont. Un. Cat. M. y Me – Rep. Dominicana  
Armando Martinez Rosales - Universidad Popular de Cesar – Colômbia  
Artemis Torres Valenzuela – Universidad San Carlos de Guatemala – Guatemala  
Carolina Crisorio – Universidad de Buenos Aires – Argentina  
Christian Cwik – Universität Graz – Austria  
Christian Hausser – Universidad de Talca – Chile  
Daniel Schugurensky – Arizona State University – EUA  
Elizet Payne Iglesias – Universidad de Costa Rica – Costa Rica  
Elsa Capron – Université de Nimés / Univ. de la Réunion – France  
Elvira Aballi Morell – Vanderbilt University – EUA.  
Fernando Camacho Padilla – Univ. Autónoma de Madrid – Espanha  
Francisco Javier Maza Avila – Universidad de Cartagena – Colômbia  
Hernán Venegas Delgado – Univ. Autónoma de Coahuila – México  
Iside Gjergji – Universidade de Coimbra – Portugal  
Iván Sánchez – Universidad del Magdalena – Colômbia  
Johanna von Grafenstein, Instituto Mora – México  
Lionel Muñoz Paz – Universidad Central de Venezuela – Venezuela  
Jorge Enrique Elías-Caro – Universidad del Magdalena – Colômbia  
José Jesus Borjón Nieto – El Colegio de Vera Cruz – México  
José Luis de los Reyes – Universidad Autónoma de Madrid – Espanha  
Juan Marchena Fernandez – Universidad Pablo de Olavide – Espanha  
Juan Paz y Miño Cepeda, Pont. Univ. Católica del Ecuador – Equador  
Lerber Dimas Vasquez – Universidad de La Guajira – Colômbia  
Marvin Barahona - Universidad Nacional Autónoma de Honduras - Honduras  
Michael Zeuske – Universität Zu Köln – Alemanha  
Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal  
Pilar Cagiao Vila – Universidad de Santiago de Compostela – Espanha  
Raul Roman Romero – Univ. Nacional de Colombia – Colômbia  
Roberto Gonzales Aranas -Universidad del Norte – Colômbia  
Ronny Viales Hurtado – Universidad de Costa Rica – Costa Rica  
Rosana de Matos Silveira Santos – Universidad de Granada – Espanha  
Rosario Marquez Macias, Universidad de Huelva – Espanha  
Sérgio Guerra Vilaboy – Universidad de la Habana – Cuba  
Silvia Mancini – Université de Lausanne – Suíça  
Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal  
Tristan MacCoaw – Universit of London – Inglaterra  
Victor-Jacinto Flecha – Univ. Cat. N. Señora de la Asunción – Paraguai  
Yoel Cordoví Núñez – Instituto de História de Cuba v Cuba

# SUMÁRIO

BREVES COMENTÁRIOS DO TRADUTOR Carlos Lucena	7
O CALIFADO E A NOVA TURQUIA	12
A NOVA ANKARA	21
A TRAGÉDIA TURCA	29
O PROBLEMA DA TURQUIA	36
AMÉRICA E TURQUIA	44

## BREVES COMENTÁRIOS DO TRADUTOR\*

Carlos Lucena

A visita de John Dewey à Turquia se explica em um complexo processo histórico e político, cujos desdobramentos ocorreram após o final da Primeira Grande Guerra Mundial. Um período marcado por conflitos sociais, transformações internas e choques culturais em larga escala.

A Turquia vivia um processo turbulento próprio aos movimentos de ebulição em seu interior manifestos por sua jovem criação e desarticulação do Império Otomano. Nesse sentido, o velho e o novo estavam em choque e conflito expressando uma nova sociedade, cujos rumos futuros ainda não estavam claros.

O Império Otomano se desenvolveu como um sultanato de origem muçulmana entre os de 1299 a 1923. Ele foi um Império de longa extensão, percorrendo a região da Ásia menor, onde hoje se localiza a Turquia, sul da Europa e região norte da África.

---

\*DOI – 10.29388/978-65-81417-60-4-f.7-11

As transformações econômicas, políticas e sociais em curso com a mundialização da economia e globalização da cultura impactaram sucessivas mudanças ao Império Otomano. O fortalecimento de novos atores políticos impulsionados pelo processo da divisão internacional do trabalho e o acirramento crescente pela busca de matérias-primas e mercados consumidores enfraqueceram gradativamente suas relações internacionais. Com efeito, os séculos XVIII e XIX marcaram um período de estagnação do seu crescimento. Esse processo levou a intensos conflitos militares externos com o Império Russo acompanhado e internos como a Revolta dos Janízaros organizado pelos militares de elite turca por volta de 1820 e que foi sufocada pelas tropas do Sultão Selim III. A aproximação diplomática com a França e a Alemanha foi uma estratégia tentar superar esta situação.

A crise do Império Otomano se agravou com o desenrolar da Primeira Grande Guerra Mundial e seus impactos recessivos na Europa. Os otomanos lutaram ao lado dos alemães e austríacos na guerra e sofreram todas as sanções do lado perdedor do conflito. Na prática, acabou por perder partes do seu território para os ingleses e franceses como exigência do Armistício de Mudros, fragilizando ainda mais a sua situação econômica e política. Em 10 de agosto de 1920 foi assinado o Tratado de Paz de



Sèvres (Hauts-de-Seine). O Império Otomano teve seu território reduzido à Anatólia. A Grécia conquistou regiões da costa do Mar Egeu, a Armênia e o Curdistão conquistaram a independência e as províncias árabes passaram ao controle francês e britânico.

A revolta cresceu entre os nacionalistas turcos. Comandados por Mustafá Kemal Atatürk, rejeitaram esse tratado, promovendo a defesa incondicional da independência da Turquia. Os desdobramentos deste processo foram implacáveis. O ímpeto da independência ocorreu em Anatólia que, através da liderança de Mustafá Kemal, declarou guerra civil contra o sultão Mehmed VI. Este conflito se estendeu por anos e teve seu fim com a Conferência de Lausanne realizada entre 1922 e 1923, na Suíça, determinando a separação entre o sultanato e o califado. Esta separação materializou a ruptura entre as autoridades políticas e religiosas do país. Anatólia se tornou a Turquia que foi liderada por militares sob o comando de Mustafá Kemal. Ao mesmo tempo, ocorreu o fim do Império Otomano sendo, Abdulmecid II, o último califa no governo até o ano de 1924. O nome da cidade de Constantinopla foi mudado para Istambul e a capital foi transferida para Ancara, um processo debatido por John Dewey no livro que aqui se apresenta.

Foram implantadas reformas na Turquia como a unificação do sistema educacional que determinou que o idioma turco fosse ensinado no alfabeto latino como forma de alfabetizar a maioria da população. O véu feminino foi banido das universidades e as mulheres tiveram direitos civis similares aos homens. As roupas que simbolizavam as fontes de hierarquia religiosa também foram abolidas.

Os desdobramentos destas reformas causaram conflitos na sociedade turca. Os líderes das antigas estruturas se sentiram excluídos das decisões em curso de mudanças no país. Disputas internas entre aqueles que defendiam uma sociedade mais moderna aos moldes europeus e habitavam os maiores centros urbanos e aqueles que viviam em regiões isoladas que não as conceberam se instauraram como desdobramento deste processo.

Este movimento de turbulência e transformações internas motivou John Dewey em sua estada, entre os anos de 1924 a 1925, no jovem país recém-denominado como Turquia a entender os conflitos e disputas que ocorriam em seu interior. Essas reflexões ocorriam com a inferência dos sujeitos turcos ao qual Dewey estava em constante diálogo. Os capítulos aqui apresentados estão em uma linguagem jornalística expressa nos artigos enviados e publicados pela Revista *The New Republic*, de origem estadunidense, um

espaço ocupado por intelectuais de orientação liberal para fazerem reflexões sobre a sociedade.

O que o livro apresenta é este complexo cenário em curso. As mudanças na política educacional e as percepções dos professores e estudantes turcos. Os embates culturais entre o novo e o velho manifestos na construção da Turquia. As diferentes concepções educacionais expressas na heterogênea oferta escolar no país são questões aqui apresentadas.

A visita à Turquia expressa as preocupações de John Dewey com os desdobramentos do final da Primeira Grande Guerra Mundial e os limites do Tratado de Versalhes e demais Tratados que a sucederam em suprimir novos conflitos, o que infelizmente a história mundial tratou de confirmar.

## O CALIFADO E A NOVA TURQUIA<sup>1</sup>

**E**m Shaw St. Joan, um francês eclesiástico aponta profeticamente com uma heresia o que se denomina como nacionalismo: a devoção ao Estado interferindo na lealdade dos homens para com a Igreja. Shaw pensou provavelmente na Europa Ocidental e a Igreja Cristã. A sua sabedoria sobre a história recente da Turquia inclui também os muçulmanos do Leste da Europa. O patriotismo provou ser mais forte que o sentimento religioso. Depois de muitos séculos foi escrito o capítulo final da história da separação entre o Estado e a Igreja com o Japão, a última grande teocracia do mundo, transformando-se gradativamente em uma república laicizada.

A abolição do califado, o fechamento das escolas das mesquitas e a assunção das receitas das piedosas fundações muçulmanas despertou receios e espanto nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. A nova república avança rápido demais? Será que a população, fiel à religião, será aliciada por líderes políticos capazes de um ato tão

---

<sup>1</sup> The New Republic, 17 de setembro de 1924; publicado sob o título “Secularizando uma teocracia”, com subtítulo como acima

revolucionário? Teria o governo de Ankara descartado o seu maior recurso ao reduzir a sua conexão religiosa com a grande população muçulmana nacional?

Em Constantinopla é surpreendente a carência de dúvidas. O movimento parece natural, simples e inevitável. Apresenta-se como um passo essencial e necessário no processo de formação de um Estado Nacional com condições de questionar todo o curso da história europeia dos últimos três séculos. O que ocorre no resto da Europa agora tem lugar no antigo império otomano. Isso é tudo que existe para o caso; o Estado Nacional passa por mudanças na Turquia e no resto da Europa. É uma fase de revoluções que não retrocederá.

Na verdade, essa impressão da inevitabilidade da mudança faz com que seja difícil obter informações específicas ou mesmo debater sobre o assunto. Quando não há perguntas não existem respostas. O processo de transformação de um antigo império medieval em um Estado Nacional moderno modelado em um padrão ocidental ocorre de forma lenta e tortuosa; não há nada mais a dizer.

Começou com as pessoas esclarecidas anos antes da revolução de 1908; a concessão da Constituição foi apenas o primeiro sinal desse movimento. A Grande Guerra e as outras que se seguiram aceleraram a mudança e afetaram a

sua forma; no entanto, fundamentalmente há uma evolução única e contínua. Se o Sultanato não se envolvera em relações traiçoeiras com as potências estrangeiras que ocupavam Constantinopla, o novo Estado Nacional poderia concebivelmente ter tomado a forma de uma monarquia constitucional, em vez de uma República. Se o Califado, que permaneceu após o sultão, foi privado do poder político, não se tornou um centro de intrigas por parte de potências estrangeiras, poderia, eventualmente, desenvolver uma conexão inócua com a Igreja e instaurar uma concepção de Estado similar ao modelo inglês. Mas, em essência, a mudança ocorreu; os eventos da guerra no período de ocupação aliada e a vitória sobre a Grécia assumiram apenas uma forma particular.

Como tantas vezes acontece, a visão interna dos eventos foi diferente da estrangeira. Fora da Turquia e entre os estrangeiros, a posse do Califado não fortaleceu a Turquia no norte da África, Arábia, Índia e no resto do mundo muçulmano; poderia ser um trunfo para lidar com países como França e Grã-Bretanha que precisam aplacar a parcela muçulmana de suas populações. Todos os turcos com quem conversei sobre o assunto consideram a conexão como um passivo, não um ativo. Eles entendem que ocorreu um convite permanente para potências estrangeiras interferir nos

assuntos internos da Turquia, usando o Califa como um joguete em suas rivalidades. A devoção ao califado, sem dúvida, não aumentou pelo fato de que o Pan-islamismo e a tentativa de utilizar liderança do mundo muçulmano como trunfo político era obra do odiado tirano Abdul Hamid<sup>2</sup>; o Califa era o chefe da religião muçulmana apenas no sentido figurado tal qual o Rei comandava a religião na Inglaterra.

Algo do mesmo tipo é válido no interior da Turquia. Os turcos progressistas defendem que a aliança entre a Igreja e o Estado foi reduto de influência política reacionária. Apesar de a história mundial estar repleta de exemplos similares, um estranho como eu tem dificuldade em validar essa declaração. Enquanto o Califa estava lá, os professores que pregavam a religião muçulmana e não os sacerdotes tinham um fictício poder no país. Eles eram os agentes naturais de intrigas reacionárias. Em uma República secularizada tinham apenas o prestígio e a influência que seu caráter pessoal e inteligência ganha para eles. O que me disseram foi que a aliança profana entre Igreja e Estado encorajou as intrigas estrangeiras, bem como a corrupção foi disseminada em todas as províncias por meio dos subordinados mestres religiosos. Foi-me dito que durante o

---

<sup>2</sup> Abd-ul-Hamid II (1842 – 1918), Imperador dos Otomanos. 34º sultão otomano. Nota do Tradutor.

tempo de ocupação, um país estrangeiro deliberadamente propôs que toda a educação primária deveria ser mantida por professores eclesiásticos. Eu não tenho nenhuma maneira de verificar a história. Contudo, o fato é significativo em si mesmo. Ele contém o senso de uma íntima união entre a intriga estrangeira e as reacionárias ideias intelectuais e morais do califado que ainda animam os atuais líderes da Turquia.

Os estrangeiros dificilmente acreditarão nessa afirmação. Por mais irônico que pareça, os turcos liberais têm a convicção que seus esforços para ocidentalizar e modernizar a Turquia são contrariados e sofrem resistência dos representantes dos poderes do Parlamento Europeu. Parte dessa convicção comum se justifica no entendimento ao qual existe um temor dos representantes das potências ocidentais em que a modernização turca possa produzir uma nação não mais sujeita à dominação ocidental. Esse temor justifica o constante apoio desses representantes internacionais ao clero revolucionário como meio de manter Turquia ignorante, atrasada e, conseqüentemente, fraca. Em qualquer caso, os turcos esclarecidos acreditam que a Turquia assim como outras nações transcendentais do período medieval à modernidade devem ter escolas laicizadas do Estado.



Afirma-se que essa visão representa o ponto de vista apenas dos estudantes durante a primeira parte do novo regime em Constantinopla e de um pequeno grupo de exilados do regime na Europa. Não há dúvida da força da influência proveniente de França e do anticlericalismo. Em certo sentido, todo o movimento político moderno na Turquia é apenas uma descendência tardia dos princípios de 89. Contudo, vejo unanimidade na afirmação à qual os camponeses do interior da Turquia asiática não têm nenhum ressentimento quanto à expulsão do califa e o fechamento das escolas nas mesquitas. Em parte, isso é justificado pela sua docilidade e fatalismo diante da presença de qualquer fato consumado. Em parte, deve-se à compreensão da futilidade da instrução dada nessas escolas; um treinamento de memorização na leitura e escrita do Corão sem qualquer serventia, salvo a possibilidade de tornar-se um professor sobre os mesmos assuntos; em outra parte, existe o ressentimento ao fato de que o califado ajudou os invasores durante o período de ocupação estrangeira. A sucessão de guerras, pela primeira vez depois de quatro séculos, mudou o espírito e de certa forma uniu o povo turco, algo que tocou tanto os camponeses como o próprio califado. Eles desejam acima de tudo uma Turquia livre e independente; são

nacionalistas ao extremo; e estão convencidos de que a modernização e a liberdade do país são o mesmo processo.

Claro que é estranho quando é dito que a Turquia não é fanática e religiosa. Certa incredulidade é evocada. Depois de um tempo começo a me perguntar se talvez esse ponto de vista tão atual em terras cristãs não é a sobrevivência da antiga tradição e lenda combinada com as exigências de proselitismo religioso e propaganda política. Escutei com grande respeito a tranquila declaração do reitor da rejuvenescida Universidade Nacional sobre o país: "Existem dois perus; o real da Turquia e o presente na imaginação de estrangeiros".

A leitura da história tem uma tendência em considerar que os massacres e as perseguições religiosas ocorridos no Oriente Próximo resultam de uma maldição que teve a sua origem com a funesta fusão de raça, religião e política em vez do fanatismo religioso puro e simples. Se tal for o caso, o presente regime, ao separar a Igreja e Estado, adquiriu o direito de exigir que outros países também reduzam suas políticas públicas para as seitas e crenças religiosas, sendo o primeiro passo efetivo tomado em 1200 anos (uma vez que estes feudos políticos-raciais-religiosos antecederam a chegada dos turcos na Europa) para estabelecer a regra de tolerância e liberdade. O nacionalismo tem seus males, mas

a sua lealdade é menos terrível do que as dogmáticas diferenças religiosas.

A leitura sobre as dificuldades de algumas escolas francesas, italianas e americanas em Constantinopla deve ser percebida dentro de um contexto. Em primeiro lugar, os turcos têm todos os motivos para desconfiar da mistura entre a política externa e as religiões estrangeiras. Em segundo lugar, quanto ao uso das mesmas regras que se aplicam aos outros em termos da proibição da doutrinação religiosa e o fechamento de escolas religiosas. Na verdade, como o governo lembrou recentemente os franceses, em resposta a um protesto sobre o fechamento das escolas católicas que se recusaram a cumprir as regras para a educação estritamente laica: os franceses pediam privilégios para suas escolas na Turquia que há muito haviam sido proibidos por lei na própria França. Isso não quer dizer que toda instrução religiosa é proibida. Pelo contrário, o currículo das escolas públicas turcas inclui para o presente, pelo menos, duas horas por semana de instrução religiosa no Alcorão e todas as comunidades estrangeiras estão autorizadas a dar tal instrução religiosa como desejam seus próprios correligionários. Mas qualquer coisa que apresente, mesmo remotamente, o proselitismo é rigorosamente proibida. E se autoridades turcas ressentidas pelo persistente favoritismo estrangeiro aos gregos e armê-

nios em detrimento de sua unidade e independência, não é para todos os americanos ou qualquer outro nacionalista.

Qualquer mudança significativa no presente regime da Turquia, que não a sua evolução natural, seria uma calamidade do ponto de vista de todos aqueles, mesmo os descontentes com a situação atual, que têm um interesse filantrópico e educacional no país. Isso significaria a reclusão de um movimento que está na direção do progresso e da razão; isso significaria um retorno à corrupção, a intriga, a ignorância, à confusão e suas animosidades e intolerâncias. Seria horrível se a memória viva de velhas histórias levassem os estrangeiros a diminuir sua simpatia sobre as forças políticas que querem acabar com a Turquia medieval.

## A NOVA ANKARA<sup>3</sup>

**N**ão é só na Europa que se percebe a indecisão dos novos governantes da Turquia em abandonar a capital secular dos impérios históricos, situada, como se a própria natureza destinara para ser rainha de impérios, a fim de encontrar uma nova capital há algumas centenas de milhas no interior da Ásia. Talvez, mais do que em outros lugares, existe espanto e ressentimento Constantinopla. Além do espanto sobre deixar de ser, pela primeira vez em quase quinze séculos, a senhora espiritual e temporal de uma grande parte do mundo, há o desprezo cultivado na capital pela província. É compreensível que durante o período de estresse militar ocorrido mediante a ocupação de Constantinopla por forças estrangeiras, o país devesse encontrar a sede da sua recuperação no interior remoto. Contudo, é incrível quando esse período terminou, os novos líderes viraram as costas para uma cidade que é uma das grandes capitais do mundo como Roma e Pequim.

---

<sup>3</sup> The New Republic, Oct. 15, 1924

A viagem de trem não diminui a admiração. Depois de passar pela Anatólia ocidental, um país bonito e pitoresco, o trem avança para o grande planalto central. A região parece com alguns dos nossos distantes planaltos ocidentais modificados pelos montes próximos às Montanhas Rochosas: o que consigo enxergar é uma região com poucas árvores, alguns rebanhos de ovinos e bovinos, e aqui e ali, algumas plantações de grãos que testemunham uma precária “agricultura de sequeiro”. Quase não há casas e as vilas são ocasionais, pequenas e escondidas em um barranco ao lado de alguma colina erodida, algo que serviria como um modelo geológico para uma classe de alunos de geografia física. Procuo imaginar os desdobramentos em meu país em que uma situação de emergência causaria a remoção permanente da nossa sede do governo de Washington para alguma cidade fronteira. No entanto, é difícil fazer essa analogia, pois Washington é diferente de Constantinopla. A última é uma cidade que mesmo passando pelo controle de diferentes povos, sempre se manteve uma cidade imperial da nação ou raça dominante do tempo.

O clima mudou depois de apenas algumas horas da estada em Ankara. Enquanto Constantinopla possui um charme peculiar composto pela união entre o mar e as colinas variadas, Ankara eleva um charme oriental. Ela fala

definitivamente a linguagem da Ásia sem um sotaque europeu. A cidade fica em uma colina que tem aquele ar que obriga a pensar e dizer Acrópole; esta Acrópole domina a varredura das planícies montanhosas que têm o efeito de fundir o espaço infinito com a poeira luminosa que glorifica assim como obscurece. Historicamente, a cidade tem muito a dizer para si mesma. Ela profere sua mensagem com mais evidência e menos dependência de uma imaginação alimentada pela história de Constantinopla. Em nenhum lugar em Constantinopla existem ruínas clássicas tão marcantes e completas como as do templo construído nas provinciais em honra de César Augusto; as velhas paredes são mais maciças do que as da cidade do Bósforo<sup>4</sup>, lembrando uma expedição arqueológica. A sua capital está agora em obras e rejuvenescida o suficiente para a apreciação dos turistas e seus cartões-postais.

As ruínas de Ankara lembram uma remota aldeia asiática. Ela contém tudo de importância histórica e filosófica que marca qualquer cidade da Ásia Menor de algumas das colônias costa grega. Talvez, acumule no seu passado uma maior variedade de episódios significativos e vicissitudes do que qualquer outra cidade. Ele testifica a invasão dos gauleses, Alexandre o Grande, São Paulo ou o autor da Epístola

---

<sup>4</sup> Estreito de Bósforo. Cidade de Istambul. Nota do Tradutor.

aos Gálatas, Mithridates e Pompeu, sarracenos e cruzados e o feroz Tamerlane, bem como posteriores conquistadores muçulmanos. De acordo com os arqueólogos, o período de sua maior glória foi a do Império Romano quando era mais elaborada e bonita cidade do interior na Europa ou na Ásia em termos arquitetônicos. Essas reminiscências históricas estão ainda presentes em seus significados, pois são a prova da posição central de Ankara, um local de encontro para os movimentos de homens e mercadorias entre o Mar Negro e a Cilícia, norte e sul da Síria e entre o leste e oeste da Pérsia e Constantinopla. Esta localização central é dada *in loco* como a principal razão para torná-la a nova capital; a segurança militar e a libertação dos perigos da intriga estrangeira em Constantinopla eram secundárias. Afirmam que "é fácil de cuidar de toda a Ásia Menor se manter contato com suas necessidades para responder às necessidades das pessoas. Constantinopla é muito longe por um lado. Uma ignora ou esquece lá o estado real do país e as suas necessidades".

No entanto, não são as memórias históricas que fazem o grande apelo de Ankara e que induzem o visitante a crer que os instintos dos novos líderes são mais verdadeiros do que a sabedoria sofisticada de Constantinopla. Estas associações misturaram-se com a beleza ousada e pitoresca do lugar simplesmente para reforçar o sentido do espírito



aventureiro e pioneiro que as atividades do presente criam. Em comparação com os esforços colocados, Constantinopla parece não antiga, mas cansada; aqui temos a impressão de que o homem e a natureza não são hostis e nem se subordinação do primeiro à segunda, mais sim em um desafio para combate atlético. A própria imensidão da tarefa, seu desespero aparente, desperta um novo vigor. Nós prontamente abandonamos um estado de espírito em que tudo o que cumprimenta o olho torna-se simbólico. Vimos as colisões de carro sobre rochas e arados através de areias nas estradas similares às da Ásia. Em seguida, deparamo-nos com trechos pavimentados com paralelepípedos ou solidamente asfaltadas; vimos dezenas de homens que trabalhavam no cascalho do rio preparando os materiais para milhas de estrada moderna que estão em construção. Carrinhos com sólidas rodas de madeira para deixar passar os carros motorizados. Robustos e bem estabelecidos soldados com posse de modernos equipamentos; crianças sentadas em burros com cestos de cada lado com mix cinzento barbudo, de turbantes turcos sentados em seus burros com uma gravidade benigna como se as selas fossem tronos elevados.

Além das centenas que trabalham em estradas, há outras centenas que fazem uma extensão da estrada de ferro

e estão engajados na construção de casas novas para esta cidade velha que de repente dobrou sua população e multiplicou a sua importância. Entre antigas paredes de pedra acima, que remontam aos séculos iniciais da nossa era e casas de adobe em um nível inferior, os dois edifícios mais notáveis são os da escola primária, um construído para Mustapha Kemal<sup>5</sup> e outro para sua esposa<sup>6</sup>. Ao lado dos homens em um trabalho de parto como uma atividade que para o Oriente é quase febril, existem dezenas de homens e mulheres sentadas preguiçosamente ao sol, dificilmente poupando energias até mesmo para fofocas. As mulheres lavam suas roupas junto ao ribeiro, aquecendo a água em grandes tachos de cobre que trouxeram em suas costas, ajustando-os em espaços improvisados nas pedras do riacho. A futura cidade será construída próxima à cidade velha, do outro lado do vale, próxima a uma colina ligeiramente inclinada. Representantes de uma empresa americana estão agora na cidade para discutir com o governo os termos do contrato para fazer esta cidade nova com abastecimento de água moderno, bondes, ruas, edifícios públicos, residências particulares. Há certos embaraços, o assunto ainda não está

---

<sup>5</sup> Mustafa Kemal Atatürk. (1881 – 1938) Fundador da República da Turquia. Nota do Tradutor.

<sup>6</sup> Latife Uşşaki – (1898 – 1975). Foi esposa de Mustafa Kemal Atatürk entre 1923 a 1925. Nota do Tradutor.

decidido; mas, mais cedo ou mais tarde, se não por esta empresa, ou por outra, uma nova cidade será construída, a capital de uma nova e ressuscitada Turquia.

Em meio a essa estranha união entre os mais antigos e novos do mundo, cresce a sensação de algo familiar semelhante ao trabalho do pioneiro na fronteira na América. E, espontaneamente, a conclusão é formada na mente que pode estar com os outros, não para aquele, cujos antepassados deixaram um país civilizado e foram ao deserto construir um novo país e questionar o que os atuais líderes da Turquia estão fazendo. O resultado será o fracasso ou o sucesso, aventura, energia, determinação e esperança em participar do empreendimento. Existem vários tipos de velhice. Se a idade de Constantinopla demonstra que nada deve mudar, pode ser que estejam certos os que entendem que a idade avançada da Anatólia conserva intocadas as cristalinas virtudes de um campesinato, como energético nas artes civis de paz como eles são vigorosos e duradouros em uma guerra pela independência. Em todo o caso, preservarei esse sentimento que veio sobre mim nas primeiras horas em Ankara. A sua escolha como capital expressa a vontade de construir algo diferente da fé e das tradições antigas existentes em Constantinopla. Esse novo centro de governo simboliza uma heroica renúncia sustentada na fé e nas

possibilidades dos camponeses asiáticos. Apesar de se ler e ouvir sobre a existência de uma fé em Constantinopla, ela não mais se comprova na realidade. A impressão pode ser apenas um sonho. Contudo, em uma Europa onde a maioria dos sonhos são apenas pesadelos, reivindico para mim o direito de valorizar este sonho em particular, enquanto é possível mantê-lo vivo. É paradoxal que isso seja necessário para uma nação asiática se certificar que seja europeizada. Mas os líderes, pelo menos, desejam que a Turquia seja europeizada em sua própria maneira e benefício. E a própria história é um paradoxo incrível de que a mistura de velho e novo em Ankara é apenas um símbolo.

## A TRAGÉDIA TURCA<sup>7</sup>

**A** tragédia na Turquia é mais extensa do que a triste situação das minorias. Para aqueles que têm a paciência de abster-se de um partidarismo prematuro no Oriente Médio é provável que em breve cheguem a um estado de espírito em que todas as partes são envolvidas e que a atribuição das responsabilidades são, no máximo, uma das possibilidades e proporções. O conhecimento pleno e profundo dos sofrimentos de todos esses povos traz consigo uma repulsa. Esse sentimento ocorre igualmente em todos os povos, engolfa todos os outros sentimentos exceto a indignação contra as potências estrangeiras que têm, tão incessantemente e de forma tão cruel, utilizado das desgraças de seus fantoches para os seus próprios fins.

É uma tragédia apenas com vítimas e não heróis. Não há vilões, pois suas representações são abafadas e escondidas. Eles são as grandes potências, entre os quais não é certamente desagradável selecionar o nome da Rússia e a Grã-Bretanha. É fácil tornar-se um fatalista na presença

---

<sup>7</sup> The New Republic Nov. 12, 1924

da história da Ásia Menor e dos Bálcãs; qualquer um que escrevesse uma história em termos de sua providência é aconselhado a manter-se afastado desses territórios.

Estávamos em Bursa, a sede do poder otomano antes da captura de Constantinopla, uma das mais belas e prósperas cidades da Turquia. Enquanto caminhávamos pelas ruas, passamos alternadamente pelas lojas fechadas e casas anteriormente mantidas pelos gregos e armênios que estão agora mortos ou deportados em troca de turcos na Grécia e pelas ruínas de edifícios da população turca queimados pelos gregos em sua retirada do país. Vimos casas comerciais que eram turcas e passaram para os gregos e depois voltaram a pertencer aos primeiros. Apesar da confusão sobre a história dessas propriedades, o que se percebia eram o sofrimento e ruína em geral. Em escala menor isso simbolizava toda a situação, talvez com menos derramamento de sangue e pilhagem do que se encontra na maioria das partes do território Anatolian.

O vale de “*Green Bursa*” antes era composto pela cultura do fumo. Contudo, há alguns anos, o tabaco não era mais cultivado nesta região. Foi introduzido pelos turcos expulsos da Macedônia e agora estão precariamente ocupados pelos gregos. Os nacionalistas sérvios e búlgaros tentam reivindicá-lo em virtude do ressentimento pela

lembrança de quando residiram no local e foram violentamente expulsos pelos turcos. Assim, ocorre o declínio do tabaco florescente e negócio de seda em virtude da saída da indústria grega. Não existe maior urgência em afirmar a tragédia que consistiu no fato de retirar milhares de homens, mulheres e crianças transferindo-os para lugares onde não queriam ir e não eram desejados. Eles me pareceram pessoas honestas e gentis que temiam por um futuro de atrocidades.

Bursa serve também como um símbolo de outra fase dessa situação. Atravessamos o mais florescente bairro judeu e encontramos judeus ainda na posse de suas casas e bens, talvez por causa da ausência total de seus antigos concorrentes comerciais, os gregos e armênios. Espontaneamente um pensamento vem à mente: feliz a minoria que nunca teve uma nação cristã para protegê-lo! E se recorda de que os judeus assumiram sua morada na Turquia quando foram expulsos da Europa<sup>8</sup> e viveram aqui com tranquilidade e liberdade por alguns séculos, mesmo sendo expostos junto com seus companheiros turcos à voracidade de seus governantes comuns. A condição dos judeus na Turquia é quase uma demonstração matemática de que as diferenças religiosas tiveram influência na tragédia da Turquia apenas quando foram

---

<sup>8</sup> Especialmente pelos Cristãos Santos.

combinados com aspirações para uma separação política que todas as nações do mundo teriam tratado como traição. Facilmente chego à conclusão de que os judeus na Turquia tiveram sorte que um Estado sionista não foi construído e que devem sentir-se fortes o suficiente para intervir na vida política turca e estimular um movimento separatista e revolta política. Em contraste, o destino dos gregos e armênios tidos como ferramentas de ambições nacionalistas e imperialistas das potências estrangeiras, percebe como maldição ser uma população minoritária que tinha a proteção de uma potência estrangeira cristã.

Infelizmente, apesar da mudança populacional na Turquia, o que se observa é a predominância da miséria entre os turcos, armênios e os gregos. O fim não está próximo no caso dos armênios, pois as grandes potências nem mesmo estão dispostas a resolver suas questões. Não se podem culpar os gregos pela sua insistência em solicitar que os armênios sejam deportados do seu solo. Mas, o que diremos quando lemos que em Genebra existe um apelo para a criação da "casa" armênia na Turquia que exigiria proteção por alguma potência estrangeira para não ser o prelúdio de novos conflitos armados e atrocidades finais?

Poucos americanos que lamentam a miséria dos armênios estão cientes de que até a ascensão das ambições



nacionalistas, começando nos anos setenta<sup>9</sup>, os armênios eram a parte favorecida da população da Turquia. Na Grande Guerra, eles traiçoeiramente cederam cidades turcas para o invasor russo; eles se gabavam de ter levantado um exército de cento e cinquenta mil homens para lutar uma guerra civil que queimou e exterminou a população pelo menos uma centena de aldeias turcas. Eu não menciono essas coisas visando avaliar ou atribuir culpa, porque a história de provocações e represálias é tão fútil como infinita; mas indico o passado entre as populações armênias e turcas quando os primeiros estiveram sob a proteção de uma potência estrangeira cristã e que se repetirá se os armênios forem organizados em um estado-tampão. Também não é provável que seja melhor para a Armênia se os católicos armênios sejam alojados entre o norte da Turquia e o sul da Síria, como entende a política internacional francesa de acordo com as reportagens escritas nos jornais.

Se sagacidade humana é confundida na busca de medidas construtivas que transformará a cena trágica em uma de felicidade, a história, pelo menos, deixa claro uma lição negativa. Não ocorreu nenhuma melhoria significativa no passado quando as nações estrangeiras, visando promover seus próprios interesses, utilizaram as aspirações

---

<sup>9</sup> Do século XIX. Nota do Tradutor.

nacionais das populações minoritárias. Afinal os turcos estão aqui; existe um amplo território em que eles formam uma maioria indiscutível; durante séculos a terra são os proprietários da terra; quer queiramos ou não, outros elementos da população devem acomodar-se a este elemento dominante, tão certo como, por exemplo, os imigrantes nos Estados Unidos têm de ajustar as suas aspirações políticas e preferências nacionalistas à unificação do seu Estado nacional. Se 1/50 do dinheiro e planejamento energético fornecido à promoção dos antagonismos entre as populações for usado na busca da paz entre as populações sem o rompimento da Turquia, a situação hoje seria bem melhor do que é. Não há nenhuma maneira de saber se as grandes potências europeias aprenderam a lição de que sua proteção e ajuda é um presente fatal e trágico. Mas, será pelo menos o tempo que os americanos não mais serão enganados pela propaganda em favor de políticas que agora demonstram trazer morte e destruição imparcial para todos os elementos e que são nauseantes precisamente na medida em que sejam vilipendiados com os sentimentos alegadamente derivados da religião. Finalmente, se lentamente os turcos também foram convertidos para o nacionalismo, em apenas esse momento a doença existirá de uma forma virulenta. Ele vai diminuir ou ser exacerbado

apenas no grau em que a nação turca é aceita de boa fé como um fato consumado pelas outras nações ou em que a velha tradição de intervenção, intrigas e incitação persista. Neste último caso, a tragédia sangrenta da Turquia e dos Bálcãs continuará a desenrolar.

## O PROBLEMA DA TURQUIA<sup>10</sup>

**D**urante a parte inicial da minha estada na Turquia fui assombrado pelo sentimento de que há um fino véu impenetrável entre o que vejo e a realidade do país. Há um impulso quase físico para buscar algumas pequenas pistas que servirão como um olho mágico, como há uma irritação física por não ser capaz de encontrá-lo. O que consigo enxergar é confuso, obscuro, ambíguo, inconsistente. Não se pode escapar a ideia de que próximo ao local existe um ponto de vantagem a partir do qual os fatos assumiriam ordem e significado. E a exasperação resultante aumenta, em vez de diminuir, pela percepção de que talvez não haja véu, nenhum significado oculto; que a incerteza reside nos elementos da situação.

Um dia um amigo turco observou que era muito difícil a vida na Turquia desde a grande guerra; era quase impossível para uma pessoa culta não ser pessimista do que estava acontecendo; ele duvidava, embora sendo professor, se era desejável a prorrogação da educação sob as

---

<sup>10</sup> The New Republic, Jan. 7, 1925

condições existentes, pois as únicas pessoas felizes eram os pescadores e camponeses que não tinham conhecimento de nada, sobre o que acontecia a sua volta. "Vivemos em um nevoeiro. Nada sabemos sobre o que acontecerá, bem como fazer acontecer aquilo que desejamos. É difícil viver quando tudo ao seu redor é tão obscuro que não se pode prever o futuro com antecedência!"

Eu não sei se essa conversa demonstra a completa perplexidade de um visitante. Mas é assim que observamos de perto a situação dos eventos inexplicáveis e contraditórios sobre a ação política dos que governam o destino da Turquia. Alguns professores como Mustapha Kemal apontaram as ações que eram claras durante os anos da guerra da independência. Expulsar o invasor significava eliminar todas as ambições que interferiam na unidade e independência da Turquia, condição essencial para que o país seguisse suas próprias aspirações; tal curso de ação era tão claro como urgente. Mas a realização desta tarefa primária trouxe à tona todos os elementos de confusão e fraqueza interna, a herança do velho absolutismo do poder religioso e político irresponsável.

Para quem pensa a guerra como há seis anos, tem um choque quando verifica a festa do aniversário de três anos do seu fim no ano de 1922. A lembrança da

proximidade da guerra, uma luta, literalmente, com pouca esperança de vitória, desenvolve a consciência de que a psicologia de guerra ainda paira sobre na Turquia. Com efeito, durante o primeiro destes dois anos de pós-guerra até a Segunda Conferência de Lausanne<sup>11</sup> não havia a certeza que a guerra não reiniciaria. Por isso, pareceu necessário a Turquia manter vivo o espírito guerra para atender o risco da emergência. Quando pensamos como as suspeitas, animosidades e medos das lembranças da guerra persistiram entre nós, apesar do nosso afastamento do cenário de combate e destruição; quando pensamos nas coisas estúpidas e vergonhosas que fizemos sob o domínio dessas ideias, talvez comecemos a apreciar o estado de espírito que leva os turcos a fazer as coisas que desagradam os estrangeiros.

Os turcos discriminam e hostilizam os estrangeiros em seu país, um antagonismo mais prejudicial aos próprios turcos do que para aqueles que são dirigidos. Esses atos ocorrem como uma inspiração emocional e não como uma manifestação política. Ocorreram alguns exemplos. Entre

---

<sup>11</sup> A Conferência de Lausanne ocorreu na cidade de Lausana, na Suíça durante 1922 e 1923. Objetivou a substituição do Tratado de Sèvres que, sob o novo governo de Kemal Paxá (Atatürk), deixou de ser reconhecido pela Turquia. Como resultado, a Turquia cedeu às cláusulas políticas e a "liberdade dos estreitos", atendendo os interesses da Inglaterra. Nota do Tradutor.

eles foi a ação contra uma escola americana, cujo edifício foi pintado de azul e branco, as cores da bandeira grega, ou mesmo a crítica contra um professor de uma escola americana entendido perigosamente como um pró-grego quanto evidenciou a centralidade da antiga arquitetura bizantina em Constantinopla em detrimento da arquitetura turca. Acredito que é inútil e prejudicial buscar os motivos mais profundos que justificam esses atos, algo similar à atitude inflamada dos patriotas americanos nos anos imediatamente após a guerra.

Dado um período de tranquilidade interna e tais atos de emoção tenderam a diminuir. Mas, a incerteza intrínseca e obscuridade para que ofereçam um alívio momentâneo não passará tão facilmente. Em certos aspectos, a Turquia atualmente é mais estável interna e externamente do que qualquer um dos seus vizinhos balcânicos. Mas a transformação de um despotismo militar e teocrático para um Estado Democrático secular não foi uma tarefa fácil. Ela exigia que seus súditos fossem mais bárbaros do que civilizados, uma transformação realizada com grande desgaste em uma sequência de quase quinze anos de ininterruptas guerras estrangeiras.

O Presidente da Nova República tomou a sua tarefa aparentemente sem esperança, sendo distinguido pela reali-

dade dos fatos. Os seus discursos repetem o aviso contra as ilusões divertidas. Em um discurso que fez recentemente no aniversário da expulsão dos gregos de Bursa, afirmou que muito mais do que os turcos sofreram com os inimigos estrangeiros, foram os sofrimentos infringidos sobre eles por seus próprios governantes; e que as desgraças sofridas no presente pela Turquia ocorriam devido ao fato de que seus antigos governantes não foram capazes ou dispostos a liderar seu povo rumo a uma sociedade de nações civilizadas. Em outro discurso recente, feito na solenidade de lançamento de uma pedra angular em homenagem ao soldado desconhecido na batalha decisiva final de agosto de 1922, afirmou que a luta para a Turquia se integrar ao mundo civilizado é muito mais difícil do que a do batalhão contra o inimigo invasor.

Os problemas na Turquia são definidos a partir de duas questões centrais. O Estado turco é um Estado militar em que o espírito de luta foi estimulado e sustentado por uma identificação inquestionável da ambição dos governantes com as exigências de uma fé religiosa cega. O poder e a superioridade do Império Otomano confiaram sua administração na força das armas fundida com a fé religiosa. Agora que a nação da Turquia expeliu o Império Otomano em ambas as suas fases políticas e teocráticas a uma sepultura da qual não há ressurreição, se encontra retido



pelas próprias tradições, militares e teocráticas dos quais luta para escapar. É de se admirar que a ação é inconsistente, que as tendências são ambíguas e que uma névoa paira sobre a situação? Ninguém espera que esse problema se resolva em um piscar de olhos. Mas também nenhuma pessoa informada tem alguma dúvida sobre a sinceridade da luta dos engajados em alterar essa situação. Essa sinceridade acentua o problema; se não fosse tão sincero, sua tarefa seria simples. Nenhum mortal pode falar com complacência do sucesso ou fracasso, contudo, sinto muito por aqueles que não têm ideia do heroísmo e do esforço que é feito para esse fim.

O aspecto econômico do problema é marcado pela mesma perplexidade interior. A Turquia foi por muito tempo a queridinha e a infeliz vítima das grandes potências europeias. Ela recebeu empréstimos de forma imprudente na esperança de retornos e concessões outorgadas com igual imprudência. A Turquia nunca teve de enfrentar as questões da economia natural que cada nação independente que se preze tem de lidar. Bem, ela pode exclamar que o caminho do transgressor é fácil, enquanto a da nação pródiga arrependida é solitária e difícil. As autoridades turcas exageram quanto ao montante de seus recursos naturais. Elas buscam alguma fonte mágica para elevar suas riquezas

tal qual a elevação arbitrária das tarifas protecionistas e a eliminação do controle estrangeiro das indústrias e do comércio. Existe um grande desejo para conseguir a ajuda externa em termos do acesso a tecnologias e capitais. Contudo, a sua inexperiência em matéria econômica se combina à sua grande experiência de artimanhas estrangeiras tornando-os dispostos a respeitar as condições em que só é possível assegurar o capital e habilidade. Isso não seria grave caso apenas significasse um simples adiamento do desenvolvimento industrial no país. Mas a Turquia está em uma grave crise econômica que ameaça o desaparecimento da classe média. As escolas e uma administração civil competente e honesta exigirão o renascimento econômico do país.

É impossível para alguém que conheceu os dois países não comparar a situação da Turquia e da China. A disparidade quantitativa das populações da Turquia e a China é compensada pela posição estratégica ocupada pela primeira como ponte entre a Europa e a Ásia e entre a Europa russa do norte e do sul. As mudanças internas em ambos os países são mais importantes do que as exigências impostas pelas relações externas. A Turquia tem uma tradição militar e religiosa que a China carece, enquanto a China possui habilidade na indústria e no comércio que falta à Turquia. A ca-

pacidade militar da Turquia protegeu sua independência na crise final, algo que não foi possível para a pacífica China. Mas a luta para o desenvolvimento econômico, cultural, científico e filosófico pode muito bem se revelar mais desgastante para a Turquia do que para a China. O fundamento último está no fato de que os turcos têm que algo intangível que chamamos de caráter. Eles têm a virilidade, a sobriedade de perspectivas e sinceridade de propósito.

O antigo regime impõe uma dupla desvantagem à Turquia. Em primeiro lugar, parte dela é real no patrimônio da ignorância e da falta de capacidade econômica. Em segundo lugar, parte dela consiste na reputação que a Turquia adquiriu e que por ignorância externa das potências estrangeiras interessadas, negam as verdadeiras mudanças de espírito e objetivos que ocorrem atualmente na Turquia. A recusa em admitir as mudanças em curso evita que a Turquia receba a assistência de que necessita para tornar a mudança efetiva e permanente. Nesse caso, se confirmará a crença de turcos liberais que os inimigos mais poderosos da modernização da Turquia são os Estados modernos e democráticos professos da Europa.

## AMÉRICA E TURQUIA<sup>12</sup>

**S**em dúvida, o interesse norte-americano na Turquia centra nas numerosas e importantes instituições de ensino que as entidades religiosas americanas fundaram nesse país. Um americano preocupado com essas escolas provavelmente pensa na ação do governo turco (demasiado frequentemente de natureza arbitrária), como se as escolas americanas esgotassem o problema da Turquia no que diz respeito às escolas estrangeiras. O Turk, pelo contrário, pensa em escolas americanas em termos de sua experiência com uma variedade de outras escolas estrangeiras que superam em muito as americanas. Assim, cresce os mal-entendidos em ambos os lados. Eu quero neste artigo dizer algo sobre o problema educacional mais amplo dentro do qual a questão das escolas americanas tem que ser colocado.

Em primeiro lugar, a maioria das escolas estrangeiras na Turquia são armênias e gregas; essas escolas são religiosas ou paroquiais. No passado, no caso das escolas gregas em particular, os professores juntamente com os

---

<sup>12</sup> The New Republic, Dec. 3, 1924.

sacerdotes eram os propagandistas da "The Idea grega", ou seja, um novo Estado grego incluindo grande parte da Ásia Menor e toda a Macedônia tendo como sua capital Constantinopla. As escolas e igrejas armênias foram os principais instrumentos que alimentaram o nacionalismo armênio. Não é de estranhar, portanto, os motivos pelos quais os turcos suspeitem da parcialidade das escolas estrangeiras. Há uma presunção de que qualquer escola estrangeira tem projetos hostis ao nacionalismo turco. Ao mesmo tempo em que estão dispostos a absolver as escolas americanas desses projetos políticos, possuem dificuldade em não duvidar das outras escolas estrangeiras fundadas sob a égide religiosa que sempre se comportaram de forma antiturca. Em primeira mão, é estranho saber que as escolas gregas e armênias enfrentam um problema mais simples do que outras escolas estrangeiras. Mas a explicação é fácil. Elas têm apenas os seus cidadãos como alunos; eles são escolas da "Comunidade" e a Turquia está habituada à ideia de comunidades estrangeiras retidas em sua própria língua, religião e costumes. Não há perigo de proselitismo religioso, porque elas não têm estudantes muçulmanos; seus professores são examinados e recebem suas licenças de ensino do Ministério Turco da Educação; seus cursos e métodos de ensino são supervisionados e controlados. Além

disso, o espírito de nacionalismo grego e armênio na Turquia é tão frágil que não há medo imediato de seu renascimento.

As escolas francesas são tão importantes quanto as escolas americanas. Antes da guerra, havia mais de um milhão de alunos nas escolas sob administração francesa na Turquia e mais de dois milhões de pessoas que recebiam assistência em hospitais, clínicas e instituições de caridade francesas. Essas instituições, embora sob controle privado e religioso, foram subsidiados pelos fundos governamentais franceses. Os europeus e os turcos em geral entendem como comum o fato de que as empresas educativas e religiosas têm fins econômicos e políticos e são incrédulos das alegações americanas de que nossas escolas não têm tais objetivos. Influência francesa cresceu pelo fato de que por um longo tempo, sob a liderança de Abdul Hamid, a única escola secundária pública turca tinha um diretor francês. Ela ofereceu todos os seus cursos em língua francesa e, apesar de uma escola governamental turco, foi generosamente subsidiada pelo governo francês. Mesmo agora, embora a direção francesa e até mesmo subdireção foram abolidas pelo novo nacionalismo turco e apenas as ciências são ministradas em francês, o governo da França ainda paga os salários de professores de língua francesa. Esta escola, a Galata Serail, exerce a principal influência na difusão de

ideias ocidentais e liberais entre os turcos e desempenha papel honroso na formação da Nova Turquia. No entanto, todo o seu recorde ainda reforça nas mentes dos turcos a crença de que qualquer empresa educacional apoiada por estrangeiros na Turquia tem motivações e interesses políticos que motivam suas ações.

O principal fator que demonstra a inclinação política das atividades educativas e religiosas francesas é a reivindicação para ser protetora dos interesses religiosos dos não muçulmanos no Oriente Próximo desde meados do século XVI. Essa reivindicação, uma vez reconhecida oficialmente pela Turquia, implicará a transformação francesa em uma espécie de protetorado dos interesses católicos romanos com apoio do Papa. Esta alegação é a pedra angular da diplomacia francesa no Oriente Médio. Sua confirmação implicou na comprovação de uma mudança de postura de um país declaradamente anticlerical acirrando a crença entre os turcos que nenhuma cultural estrangeira é por natureza simplesmente educacional ou filantrópica. De tarde, a situação é complicada pelo crescente rivalidade entre França e Itália. Como um escritor francês ingenuamente afirma: quando os interesses dos católicos na Turquia sob os auspícios franceses são postos em cheque, o papado se entristece em seu caráter religioso, mas se alegra

em seu aspecto italiano. Ele abertamente afirmou que as escolas francesas, mesmo aquelas conduzidas por clérigos, são mais dedicados à propaganda da "cultura" francesa do que da religião católica. Há rumores de que a igreja romana é muito disposta a se livrar da união embaraçosa das ambições francesas com fins religiosos e ficaria feliz em chegar a um acordo com o governo turco para que as escolas católicas se limitem a ensinar apenas os católicos. Por outro lado, os turcos estavam desconfiados das escolas distintamente italianas abertas ao longo do litoral Anatolian. Quando as fecharam, informaram às autoridades italianas que os motivos eram puramente humanitários e que poderiam reabri-las no interior.

Este esboço inadequado demonstra que os turcos abordam a questão das atividades das instituições de ensino americanas com preconceitos justificados por sua experiência com as escolas estrangeiras, embora a experiência com escolas americanas por si só oferece menos justificação do que as de outros países. Contudo, enquanto os americanos são absolvidos de ambições políticas agressivas, não há a mesma garantia sobre o caráter religioso de suas escolas. Embora os muçulmanos sejam um caso sem esperança do ponto de vista de proselitismo e conversão das escolas missionárias, esse fato criou uma fonte adicional de atrito. O fato



marcante no registro de escolas americanas na Turquia é que elas se dedicam principalmente à educação dos armênios, gregos e búlgaros. Era humanamente impossível que como o desenvolvimento do nacionalismo turco fruto do triunfo militar, a lembrança deste fato não traga dúvidas ao governo turco sobre o valor para a nação de escolas norte-americanas.

Dado o fato de que essas escolas foram realizadas sob os auspícios da missão e com objetivos religiosos, e dada à obstinação do crente muçulmano à conversão, este estado de coisas não poderia ter sido evitado, de modo que não vale a pena a avaliação de louvor ou culpa pelo que aconteceu no passado. Mas, acredito que há um problema que é fundamental e deve ser enfrentado para o futuro. Pode-se afirmar como um dilema. Se o propósito religioso é continuar a dominar as escolas americanas ou mesmo para colorir-los de qualquer forma acentuada (e a mesma coisa vale do YMCA e YWCA), as instituições americanas continuarão a lidar principalmente com elementos não turcos na população e, portanto, continuará a ser um fator essencialmente estranho e suspeito no corpo político turco. Por outro lado, estas instituições podem desempenhar um papel extremamente útil na modernização da Turquia com a condição de que se dedicam principalmente à educação de

jovens e mulheres turcas, uma condição que definitivamente significa a subordinação completa de objetivos religiosos cristãos e da rendição das escolas, em espírito, bem como na forma externa, a métodos seculares, sociais e científicos. E podem, evidentemente, ter uma compreensão errada da situação. Qualquer situação de descumprimento ou esforço indeciso resultará em um contínuo atrito entre os interesses americanos e turcos e reduzirá a capacidade das ideias e ideais americanos em ajudar nos momentos críticos o experimento de transformar a Turquia. É desnecessário dizer que o sucesso ou fracasso dessa experiência, tendo em conta as consequências, tanto no Próximo Oriente e no mundo muçulmano é de enorme importância para o futuro de paz do mundo.

Um pós-graduado turco e muçulmano de uma escola americana na Turquia disse-me que o país seria brevemente refeito caso as instituições superiores formassem duas gerações de quatrocentos homens treinados para serem líderes nas escolas turcas e na administração civil. Ele afirmou que se esta escola tinha, através de seus graduados, feito tanto para a Turquia como para o estado vizinho da Bulgária. Toda a perspectiva social e econômica turca seria radicalmente diferente do que realmente é. De muitas maneiras, afirmou que as escolas americanas fizeram muito

mais para elementos minoritários na população do que as escolas turcas. Era uma condição indispensável da paz, da compreensão mútua e harmonia que todos os fatores na população devem ou se mantiveram no mesmo nível de ignorância ou então progridam juntos. Mas as escolas americanas desenvolveram ideais democráticos entre os gregos e armênios na Turquia, lhes deram ideias modernas e despertaram a sua iniciativa com as ferramentas da vida moderna, enquanto os turcos foram deixados praticamente em seu estado de espírito medieval.

O resultado foi duplo. Os gregos e armênios foram naturalmente estimulados a trabalhar por sua independência política despertando a hostilidade turca e os turcos, ao serem superados na indústria e no comércio em virtude da educação moderna dos gregos e armênios, foram despertados para a inveja e ódio que facilmente abanou as chamas da guerra e do massacre. Eu não esquecerei a sinceridade com que ele me garantiu que se a população se mantivesse na ignorância e atraso, as várias nacionalidades ainda estariam se dando bem razoavelmente bem juntos.

Esse ponto foi feito sem ressentimento. Eu nunca vi pessoas tão objetivas e educadas em discutir seus erros como os turcos, um fato ligado possivelmente à sua filosofia fatalista. Ela foi feita em conexão com uma discussão sobre

o que estas escolas serão e farão no futuro. Se as escolas americanas na Turquia fundadas sob a égide missionários são obrigadas a perpetuar a velha distinção entre cristãos e não-cristãos sendo antiturcas porque são pró-cristãos, não acredito que avançarão no trato com os turcos. Caso aja certeza de que elas serão pontos de atrito diplomático, isso prejudicará as relações políticas e econômicas entre os Estados Unidos e Turquia. Por outro lado, o que essas escolas têm feito na forma de elementos não-turcos esclarecedoras e libertadoras é prova suficiente do que podem fazer para a Turquia se fizerem do seu negócio principal o descobrir e o educar, independentemente da crença religiosa, o poder dos homens e jovens mulheres turcos serão os líderes intelectuais e sociais da futura Turquia.



